

Minha Cidade

Bom dia, irmã! Quem lhe fala é frei Francisco.

Bem-vinda à minha cidade! Saúdo-a também em nome da irmã Clara. Ela desejava vir vê-la para dar-lhe um abraço de boas-vindas, mas preferiu permanecer em São Damião; e você já sabe por que motivo! Porém, posso assegurar-lhe que há várias noites ela já está prolongando a sua oração silenciosa, diante do tabernáculo, precisamente por você. Neste momento, ela está começando mais um dia, paralisada no seu leito de enferma, mas sempre resignada às suas irmãs.

Sentimo-nos muito felizes porque hoje você fará sua primeira visita à nossa cidade. Esta visita começa na praça central, a praça municipal, dominada por uma torre alta e pelo templo que, no passado, era dedicado à deusa Minerva e que agora – disseram-me – foi consagrado a Maria, Mãe de Jesus!

E se depois sobrar um pouco de tempo, perca-se pelas ruelas rípidas e tortuosas, porque são encantadoras! Elas foram testemunhas de muitas noites de festa, de numerosas serenatas de amor, de tantas ilusões e sonhos juvenis...

Sei que você vai visitar também a Catedral de São Rufino; ela passou por tantas transformações, que agora só consigo reconhecer sua fachada exterior. Recordo que, quando era criança, muitas vezes a observava quando ia à Missa, de mãos dadas com minha mãe. Para ser sincero, eu não era capaz de compreender todas as suas formas, mas ficava admirando-a prolongadamente, em silêncio.

Quando você entrar nessa igreja, encontrará à sua direita a pia batismal, que é a autêntica. Eu gosto muito dela porque, logo que nasci, foi ali que recebi o batismo; e nela foi batizada também a irmã Clara. Fico feliz por saber que você vai visitá-la, porque ela a ajudará a compreender melhor o que o batismo significava para mim; para dizer a verdade, foi algo que me custou muito esforço.

No início, eu pensava que ser batizado consistisse em ir algumas vezes à Missa, participar do catecismo e, de vez em quando, distribuir algumas esmolas aos pobres. Mais tarde, esqueci tudo isto e comecei a usar roupas vistosas e a divertir-me como um louco... a tornar-me «o rei das festas». Confesso-lhe que era vaidoso e, pior ainda, que meu pai satisfazia todos os meus caprichos.

Foi por isso que desejei contribuir para a destruição da fortaleza que coroa a colina, onde se encontra inserida minha cidade, a mesma que mais tarde aparecia nos meus sonhos com suas casas cobertas de escudos e armaduras de todos os tipos. Poucos anos mais tarde, introduzi-me no mundo do jogo da guerra, pois pensava que expulsando os nobres da cidade, aos quais pertencia também a família de Clara, eu teria contribuído para o crescimento da minha cidade. Como eu era insensato! Meu pai apoiava-me em tudo isto e minha mãe olhava para mim, dividida entre a aprovação e a preocupação.

Quanto tempo me foi necessário para compreender o que significa ser batizado! Quanto caminho percorri, quantas portas abri e quantas loucuras cheguei a fazer! Porque, digamos a verdade, assim como hoje, também na minha época era muito difícil formar a própria personalidade.

Somente depois que entendi os pobres e servi os leprosos, depois que rezei diante do Crucifixo de São Damião e ouvi o Evangelho... comecei a descobrir meu caminho pessoal, a construir minha vida e a compreender o que significa ser cidadão do Reino. Lembro-me que um dia, quando ainda dava os primeiros passos na minha nova vida, repleto de vergonha, fui até à Praça de São Rufino para pedir algumas pedras; eu desejava construir a igreja de São Damião. Assim, senti tanta vergonha que as pedi em francês, para que pensassem que eu era um menestrel. E não sabia que por detrás das persianas de uma janela, estava sendo espiado por Clara, a jovem sobrinha de Offreduccio. Ah, as mulheres são sempre iguais...

Acho que foi esse o momento em que teve início, também para ela, o longo processo de formação da sua própria identidade. Lembro-me ainda que vários anos depois, enquanto eu fazia minhas pregações de quaresma em São Rufino, ela aproximou-se de mim para dizer-me que desejava seguir meu caminho.

Também para ela foi um longo caminho, uma vereda dolorosa porque, além de ser bonita, ela era delicada e rica, filha de uma das famílias mais influentes de Assis. Porém, ela nunca hesitou. Sempre admirei sua força serena, sua audácia e sua determinação. Ela ensinou-me realmente muitas coisas...

Irmã, não posso falar-lhe mais, porque agora devo partir, mas antes de ir desejo pedir-lhe que não se esqueça do dia de hoje. Não pretendo propor-me como seu modelo, nem como um modelo para os outros, dado que para isto muito me faltaria. Só lhe peço que não se canse de procurar: experimente, ponha-se à prova, persevere, faça mais um esforço, mais um, e outro ainda...

Tenho certeza de que, no final, quase sem se dar conta, você conseguirá gravar o rosto de Deus na sua alma. A partir desse momento, tendo saído de você mesma e do seu egoísmo, desapegando-se de tudo aquilo que a acorrenta a este mundo, brotará espontaneamente do seu coração um cântico de liberdade. Então, e somente então, você começará a ser você mesma, encontrará sua identidade e poderá assumir sua tarefa como cidadã do Reino.

Irmã, receba meu abraço de paz!
Seu irmão,

Francisco

Queridas irmãs,

é sempre bom ouvir Francisco!

E saber que comigo, hoje ele sorri para cada uma de vocês que, de terras distantes, por caminhos diferentes, chegaram até aqui.¹

Ele que viveu a luta da fé e da busca, foi e permaneceu plenamente humano, é verdadeiramente nosso irmão e amigo.

Assis é a sua cidade, mas é também a nossa.

Senti que era aqui a pátria da minha alma² e descobri que franciscanos se nasce.

Talvez não tenhamos consciência disso imediatamente, mas quando encontramos Francisco e Clara, sentimos no coração que este é o nosso caminho e encontramos alegria. Cada lugar nesta terra abençoada esconde o seu próprio segredo e nos fala ao coração.

Também eu, como Francisco, levei muito tempo a compreender, a descobrir uma fé viva e, sobretudo, a intuir a minha vocação.

Minha família não era praticante e vivi minha juventude longe da fé. Eu tinha sido batizada, mas nada mais. E não entendia o que o batismo significava.

Eu era uma garota vivaz, curiosa, irrequieta e despreocupada.

Então, um dia, algo aconteceu na minha vida. Aos catorze anos fui enviada para estudar num internato suíço que preparava jovens ricas para a vida como esposas e mães.

Eu não sabia, mas nesta escola Deus me esperava!

Como todas as jovens, sonhava em encontrar o amor, em viver entre bailes, festas, encontros.

No entanto, estava inquieta. Foi uma estudante como eu que me falou de um amor que nunca passa, que nunca desaparece, que é eterno e belo: o amor de Jesus, do Sagrado Coração. Um novo horizonte se abria diante de mim. Entendi então que era amada e como mulher amada poderia viver minha vida seguindo os meus sonhos

E eu estava repleta de sonhos!

Quando terminei meus estudos, aos dezoito anos, voltei para casa. Percebi que a vida, cheia de roupas luxuosas, bailes, festas já não era suficiente para mim. Isso não me deixou feliz. Procurei e encontrei; abriu-se uma pequena brecha na minha vida burguesa.

Com uma amiga, Rita Tonoli, comecei a cuidar de crianças pobres da minha cidade, Milão.

Como em Assis na época de Francisco, também em Milão havia os bairros dos ricos (onde eu morava) e os dos pobres (que eu não conhecia).

Como Francisco, fiquei um pouco entre eles. E no meu coração senti a felicidade e senti o sentido de uma vida doada, plena e alegre.

Mas minha busca certamente não havia terminado. Passariam ainda anos antes que eu entendesse minha vocação.

No meu coração sentia que não bastava cuidar destes pequenos, mas era importante mudar algumas estruturas sociais. Como fazer?

Eu era apenas uma jovem que ainda não havia enfrentado a vida real e a dor.

Trabalhava com quem sofria, mas um pouco de fora, sem sentir na minha carne a pobreza, a fome, a injustiça.

A injustiça?

Pensando bem, a injustiça eu também experimentava como mulher. Era uma forma sutil, talvez discreta, mas era uma verdadeira injustiça, uma verdadeira discriminação.

Por exemplo, meus dois irmãos homens tinham se formado (um era médico e o outro engenheiro), mas nós, mulheres, não.

¹ A. BARELLI, *La nostra storia*, 43

² *Testamento di Armida Barelli*, 11-02-1950

Não só isso: os homens podiam sair de casa livremente, não estávamos habituadas a sair sozinhas, a falar em público. Nossas roupas nos impediam de nos movimentarmos livremente, tínhamos que estar lindas independente dos sacrifícios.

Acima de tudo, éramos excluídas da vida social e política.

Não tínhamos o direito de votar! Mesmo na Igreja éramos completamente passivas.

Sei bem que ainda existe muita discriminação e preconceito em relação às mulheres.

Vos digo: não desistais! Sede fortes e ousai o futuro!

Ousai no exemplo de Clara, a primeira mulher a escrever uma regra de vida para outras mulheres; ousai quebrar as regras para seguir o vosso coração e o Senhor Jesus até o fim.

Coragem, irmãs queridas!

Tua irmã Armida

A Basílica e a tumba

Bom dia, irmã! Quem lhe fala é frei Francisco.

Devo dizer-lhe que estou muito feliz pela companhia que você me fez ontem, no monte La Verna.

Obrigado pelo silêncio devoto que observou, ao subir ao longo da vereda, protegida pelas folhagens das árvores frondosas. Obrigado pelo interesse que demonstrou por mim, ao visitar todos os recantos que recordam minha permanência nesse lugar. Obrigado também pela paciência serena com que aceitou a presença da irmã chuva. Mas sobretudo, obrigado por se ter deixado envolver pelo grande milagre do amor, que foi gerado nesse monte santo.

Na minha opinião, ontem você compreendeu melhor o que significa La Verna na nossa vida. É como um ideal a alcançar, uma espécie de utopia da bondade, pela qual devemos lutar incessantemente... Mais ainda, acho que você se deu conta de que La Verna deve ser um ponto de referência constante, uma situação ou um estado de espírito que há de ser revivido frequentemente. Sim, porque La Verna não é tudo para uma missionária franciscana; é mais importante que ela se movimente, como um pêndulo, da cidade dos homens ao monte, e do monte à cidade, a fim de que sua vida e seu serviço estejam em Deus e Deus permeie sua vida e seu serviço; se isto não acontecer, ela poderá perder o horizonte da sua própria vida.

Disseram-me que hoje você vai voltar a Assis e visitar os lugares onde se encontram meu corpo e o corpo da minha irmã Clara. Este regresso à minha cidade é como que o sinal daquilo que deve significar para você o regresso à sua cidade. Sim, porque nós que abandonamos a cidade rica dos poderosos para ir ao encontro dos pobres, agora voltamos como tais à mesma cidade. Em última análise, nossa cidade é aquela com a qual nos sentimos sempre comprometidos; por isso, não podemos virar-lhe as costas. Porém, repito-lhe, voltamos não como a filha de Favarone, nem como o primogênito de Bernardone, mas sim como a irmã Clara e o irmão Francisco.

Por isso, quando você voltar hoje a Assis, peço-lhe cordialmente, e também a irmã Clara lhe pede, que você não se distraia admirando as grandes basílicas construídas sobre nossos corpos humildes e que tanto fizeram falar, mas que você considere, muito mais, o modo como a partir da nossa pequenez diversos artistas encontraram a inspiração para suas obras magistrais e como hoje muitos artesãos podem colocar no mercado os frutos da sua criatividade e muitas famílias encontram uma forma de subsistência graças aos hotéis e aos restaurantes que aí existem.

Hoje, quando você voltar a Assis, vai encontrá-la frenética, também por causa das suas pequenas dimensões; exorto-a a pensar na sua cidade, que é o lugar privilegiado da sua vida como missionária, e no valor do trabalho.

Recorde-se que o trabalho é uma graça universal do ser humano e que, para você como missionária, representa o âmbito por excelência onde se realiza a missão que lhe compete.

Nunca se esqueça de que o trabalho é um meio através do qual você pode obter seu crescimento e seu aperfeiçoamento pessoal.

Sim, irmã, já sei o que você está pensando: nem sempre é fácil encontrar o trabalho desejado e, muitas vezes, não é possível encontrar nem o trabalho que se quer, e nem sequer o trabalho a que não se aspira.

É então que, como uma verdadeira irmã menor, você deve adaptar-se ao trabalho que encontrar, para poder sobreviver.

Sei muito bem que isto comporta um certo sofrimento, pois eu mesmo experimentei tal dor, depois que abandonei a empresa comercial de meu pai, mas recordo que foi a partir daqui que aprendi a solidarizar com os pobres e os marginalizados; foi depois disto que compreendi que o cansaço experimentado no trabalho é um modo para colaborar na obra redentora de Jesus Cristo.

Irmã, sei muito bem que é difícil falar destas coisas, porque se já era assim na minha época, é ainda mais na atual, em que todos os problemas humanos adquirem uma dimensão mundial.

Porém, é necessário que uma coisa lhe seja clara e com esta observação desejo terminar minha conversa deste dia com você: o trabalho, a partir do reconhecimento de que é muito importante e constitui uma graça de Deus, deve ser colocado em um contexto mais amplo, que é a vida de Deus em nós.

Isto significa que se deve trabalhar para viver, e não viver para trabalhar, de tal maneira que nunca diminua em você o espírito de oração e de devoção, que deve ser servido pelas outras coisas temporais.

Irmã, que a paz esteja com você.
Quem lhe formula estes votos é seu irmão,

Francisco

ARMIDA

Viver em plenitude

Minhas irmãs,

Confesso-vos que durante muito tempo pensei em deixar minha cidade, minha terra natal e me aposentar para viver reclusa.

Pareceu-me a melhor escolha, mas não foi. Compreendi-o aos poucos e quando o Papa Bento XV disse que a minha missão era a Itália, então eu entendi. Ainda procurava a minha vocação, embora já tivesse trinta e cinco anos. O Papa confirmou a intenção do meu coração: viver no mundo sem dar nada ao mundo, porque tudo em mim foi entregue a Deus.

Ajudou-me o nosso São Francisco, que, apaixonado por Deus, decidiu ficar na sua cidade e anunciar o Evangelho na sua terra, permanecendo no mundo.

P. Gemelli convidou-me a olhar para as mulheres dos primeiros séculos do cristianismo: Maria, Madalena, Priscila, Febe, Perpétua e Felicita...

É verdade, ao longo dos séculos as mulheres sofreram muitas injustiças, algumas discriminações. Eu mesma sofri por ser mulher (por exemplo, não consegui me formar, não tive a liberdade dos meus dois irmãos, não pude votar,...). Muitas vezes as mulheres não tinham a oportunidade de falar na sociedade e na igreja.

Mas nem sempre foi assim e nem sempre será assim.

Releiam e meditem a história de muitas mulheres que, ao longo dos séculos, encontraram forças para serem elas mesmas à luz do Evangelho.

Estejam presentes e participem no caminho sinodal da Igreja, acreditem no dom que Deus vos dá como mulheres, ousem dar novos passos!

Também vós, minhas irmãs, descobriram a graça e a paixão de serem testemunhas e arautos do Evangelho nas ruas do mundo.

Tornadas pacíficas pela escolha de viver na pobreza, tornadas livres e autênticas nas relações de castidade, tornadas felizes na consciência de uma obediência madura e responsável... ide e dêem testemunho do Evangelho porque o mundo inteiro vos pertence.

Vossas vidas, como a minha, estão nas mãos do Senhor.

Vivendo no mundo, escolhemos ser como todos os outros e nos sustentar com o trabalho das nossas próprias mãos.

Na minha época muitas mulheres não trabalhavam, não podiam trabalhar fora de casa, trabalhar era uma conquista. E se o trabalho é árduo, é também expressão da nossa criatividade e da nossa participação na construção de um mundo mais belo e fraterno. O trabalho então nos tornou economicamente independentes e foi importante para nós.

Por favor, não vos esqueçam disso! E vivam vossa vida ao máximo!

tua irmã Armida

Porciúncula

Bom dia, irmã! Quem lhe fala é frei Francisco.

Hoje, sinto-me feliz porque sei que você voltará a este lugar que eu muito amei: a Porciúncula.

Quantas lembranças este lugar me traz à mente!

Quantas experiências profundas, vividas nos arredores dos seus muros! Quantas inspirações nas horas de encontro com meu Senhor! Quanta ternura recebida dos meus irmãos, naquela que considere sempre como o berço da Ordem! ...

Ao mesmo tempo, quantas preocupações e quantos sofrimentos, quantas horas de dor e de tensão! Sim, porque é necessário recordar que na Porciúncula houve também estas coisas. Afinal de contas, a vida é composta de tudo isto.

Sei que não é a primeira vez que você vem a este lugar.

No «dia do perdão» vi você perdida no meio da multidão... suando debaixo do sol de agosto, mas muito emocionada. Perdoe-me se não fui ao seu encontro nessa ocasião, pois estava tão ocupado recebendo os jovens peregrinos, que não tinha tempo para mais nada.

Foi maravilhoso vê-los chegar resplandecentes, cantando e dançando com as mãos entrelaçadas, com o otimismo gravado nos seus rostos, e um tamanho rigor que as pesadas mochilas nas suas costas se pareciam mais com asas do que com bolsas.

Não lhe nego que cheguei a emocionar-me, quando os vi prostrar-se, esmagados debaixo das suas cargas, para beijar o solo, reconhecendo assim que esta terra foi santificada pelo amor de Deus.

Hoje, você veio encontrar-me, também para dizer «adeus» a esta igreja, mas espero que se trate de um «até logo», porque desejo muito que Deus lhe conceda a Graça de voltar a estes lugares.

Dado que você está prestes a «regressar à sua cidade», gostaria de lhe recordar um acontecimento muito importante, que se verificou comigo nesta igreja. Para mim, é sempre um prazer compartilhar com você os acontecimentos mais significativos da minha vida, porque tenho uma predileção especial por você.

Certo dia, quando eu era muito jovem e ainda não sabia com clareza qual caminho devia percorrer, neste exato lugar tive um encontro fundamental com o Evangelho.

Quero defini-lo «fundamental», porque naquele momento senti como se uma luz brilhante tivesse iluminado minha mente, porque o Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho e convidar todos a acolher o amor de Deus e a fazer penitência.

A partir daquele exato momento, não tive qualquer dúvida e, em seguida, ninguém mais me ensinou o que eu devia fazer, uma vez que o Evangelho se tornou meu único Mestre. Desta maneira compreendi que minha vida, minha tarefa e minha missão deviam consistir em transmitir aos outros a notícia de que Deus é amor, que nos ama e que também nós devemos amá-lo.

Você sabe muito bem que desde que chegaram os primeiros frades a Santa Maria dos Anjos, a primeira coisa que fizemos foi partir na direção dos quatro pontos cardeais, para abraçar o mundo inteiro em uma cruz imensa, anunciando com a vida e a palavra o amor infinito de Deus por todos nós.

Irmã, é isto que também você fará no dia de hoje, concluindo as jornadas franciscanas na minha cidade. À maneira dos primeiros frades, também você será enviada pelo mundo afora. Partirá com a bênção de Deus e sobretudo levando dentro de você mesma a lembrança da irmã Clara e também minha, porque ambos nutrimos amor por você. Mas sobretudo, irmã, conserve com cuidado no seu coração, como se fosse um vaso de argila, esta pequena semente da palavra de Deus, que aí foi lançada, para que ela crie raízes e produza muito fruto.

Agora que você deve «regressar à sua cidade», é provável que tenha medo e se pergunte, confusa, o que fazer e como agir. Permita-me dizer-lhe que o mais importante de tudo é «ser»; em seguida, se for necessário e possível, chegará inclusive o «fazer». O primeiro é essencial; sem o primeiro, o segundo nada vale. Por conseguinte, procure acima de tudo «ser»; descubra sua identidade, trace-a e aperfeiçoe-a todos os dias. A melhor forma de realizar sua missão é «ser», e seu modo de «ser» é como irmã menor. É por isso que a exorto, como faço frequentemente com meus irmãos frades menores, ao vê-la partir pelo mundo – que de resto é o lugar da sua missão – para que você «não discuta nem entre em contendas com palavras, e não julgue os outros mas seja mansa, pacífica e sóbria, tranquila e humilde, e fale a todos afavelmente, como é oportuno. E em cada

casa em que entrar, diga em primeiro lugar: que a paz esteja nesta casa!».

Vá, irmã. Parta com serenidade e confiança. Que o sorriso nunca desaparece dos seus lábios. Que nos seus olhos haja sempre a ternura; seus ouvidos estejam sempre prontos para ouvir e seus braços abertos à hospitalidade. Vá, solícita, iluminada pela luz da fé, impelida pela força da esperança e inflamada pelo ardor do amor.

Irmã, que o Senhor a abençoe e a conserve sempre.

Faço votos por que você experimente Sua misericórdia em cada momento.

Caminhe até à meta sob Seu olhar e nunca lhe falte o dom da Sua paz.

Minha irmã, que o Senhor a abençoe!

Seu irmão,

Francisco

Sob o olhar de Maria

Irmãs caríssimas no S. Coração,

aqui estais hoje caminhando em direção à grande Basílica de S. Maria degli Angeli, que contém uma pérola preciosa para todos nós franciscanos: a Porciúncula.

Sim, uma pérola preciosa, como nos disse Francisco; uma pérola preciosa para nós também.

Na verdade, depois que Papa, Bento XV me encarregou de formar as jovens de toda a Itália, não escondo, eu era feliz, mas ao mesmo tempo inquieta.

Depois fui para Assis. Era o ano de 1918, a Segunda Guerra Mundial acabava de terminar. Fui à Porciúncula e fiquei ali muito tempo em oração, como vocês farão esta noite.

De acordo com o Ministro Geral dos Frades Menores, fiz aqui a minha consagração pessoal a Deus para o apostolado no mundo. Eu estava em paz!

Na profunda alegria daquele momento perguntei a Deus: «Dar-me-ás Senhor, irmãs que, como eu, queiram percorrer este caminho?». E no fundo do meu coração pareceu-me que o Senhor me respondesse: “Sim”.

E aqui estão vocês, minhas irmãs, de muitas partes do mundo, lindas e corajosas, ardendo de amor e de tenacidade.

Obrigado, Senhor: a tua promessa multiplica os nossos desejos!

Estou feliz que vocês tenham escolhido permanecer na Porciúncula em oração e adoração durante a noite. Sob o olhar de Maria que desde sempre esteve presente aqui. Sempre amei a noite, com a irmã lua e as estrelas brilhantes e belas.

À noite o calor do dia se ameniza as vozes e os ruídos se acalmam, se permanece diante de Deus assim como se ama! Pobres criaturas amadas.

Não tenhas medo se a tua oração não for como imaginaste; sombras ou luzes podem surgir em teu coração... Mas tu estás diante Dele e Ele te conhece e te ama, então não podes temer.

Tenhas sempre a certeza do seu Amor nas horas felizes e nas escuras, minha irmã.

E então saibas que tuas irmãs de ideal e de vocação rezam por ti todos os dias, como tu fazes por elas.

Precisamente aqui Francisco experimentou a força da fraternidade; que a fraternidade seja uma força para ti também!

Sinta-te unida a cada irmã e apoiada por elas em tua jornada.

Daqui Francisco enviou os frades em missão, pelos caminhos do mundo, como indica o Evangelho: “como ovelhas entre lobos”.

Fraternidade e missão andam juntas; eu também experimentei isso na minha vida.

Sim, porque indo não estamos sozinhos, e o Evangelho que proclamamos é um programa de fraternidade: “irmãos, irmãs todas”, como nos recorda o Papa Francisco!

Somos enviadas como irmãs para viver uma fraternidade universal, a partir precisamente da nossa experiência de comunidade.

Desejo que a tua oração silenciosa, vivida em conjunto, na Porciúncula, teos dê a força para recomeçar com alegria e ir até aos confins do mundo, como fizeram Francisco e Clara.

Tua irmã Armida

São Damião

Bom dia, irmã! Quem lhe fala é frei Francisco.

Frei Leão acabou de chegar para dizer-me que as irmãs de São Damião estão à sua espera, com grande alegria.

Ele esteve ali na manhã de hoje para celebrar a Missa com elas e disse-me que as encontrou um pouco preocupadas, enquanto preparavam tudo para minha chegada.

Estou verdadeiramente feliz pela sua volta a este lugar tão querido, muito amado não apenas por mim e pela irmã Clara, mas também por você, porque foi ali que suas primeiras doze irmãs missionárias emitiram a primeira profissão.

Estou certo – estes são meus bons votos – de que, para você, hoje será muito mais fácil do que ontem. Além do problema do trabalho, às vezes difícil de compreender, sua situação de missionária não facilitou sua volta à minha cidade. Talvez tenha sido por este motivo que ontem a vi um pouco distraída e um pouco vacilante, entre as lojas e o rápido vaivém de turistas curiosos. Contudo, não desanime! Pouco a pouco você compreenderá o que significa «voltar» à cidade.

Para descer até São Damião, você percorrerá a habitual senda circundada de oliveiras e de ciprestes.

Sei que você decidiu ir até lá um pouco às escondidas, protegida pelas sombras da noite, com a intenção de renovar seu compromisso em favor do Evangelho.

Este gesto noturno e um pouco secreto recorda-me de certo modo o compromisso da irmã Clara, que fugiu à noite da casa paterna, para entregar-se ao Senhor na Porciúncula; depois de ter superado corajosamente várias dificuldades, refugiou-se finalmente entre os muros de São Damião para ali viver, juntamente com suas irmãs, a grande aventura de ser fiel àquilo que todas prometeram.

Confesso-lhe que uma das virtudes que eu mais admirava na irmã Clara era sua fidelidade. Sim, porque uma coisa é dizer «comprometo-me», impelido pelo entusiasmo de um momento passageiro, e outra, muito diferente, é conservar o mesmo ritmo de compromisso nas dificuldades e nas contradições da vida. E lembro-me que, desde o início, para a nobre e delicada figura da filha de Favarone, as coisas não foram fáceis. Quanta coragem ela revelou diante do primo Monaldo e dos outros cavaleiros armados, quando procuraram arrancá-la com a força do mosteiro beneditino de Bastia, onde se tinha refugiado nos primeiros dias depois do abandono da casa paterna! Quanta firmeza diante dos mesmos cavaleiros, quando eles atacaram Santo Ângelo «in panza», para raptar a irmã Inês! Que força de ânimo perante os Cardeais e os Papas que insistiam para que atenuasse o rigor da sua pobreza! Quantos sofrimentos enfrentados para salvar a pureza da forma de vida que um dia o Senhor inspirou em mim para elas! Quanta paciência e serenidade, durante os quase vinte e cinco anos de enfermidade! Que atitude heróica e destemida na defesa da castidade das irmãs, diante das ameaças das tropas sarracenas, decididas a invadir Assis e os arredores!

Na minha opinião, você mesma conseguiu dar-se conta, no passado, com seus próprios olhos, da força e da coragem de Clara, quando você visitou devotamente os principais recantos do pequeno convento das irmãs.

Estou convicto de que as paredes nuas, o pequeno coro de tábuas rústicas, as traves descobertas do teto, o pavimento de terracota e a sobriedade do refeitório lhe falam eloquentemente dos caminhos heróicos, percorridos por esta mulher, em vista de observar fielmente o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

Hoje, que para você chegou o momento de renovar o compromisso de viver segundo o Evangelho, exorto-a, sob o olhar tranquilo do Crucifixo de São Damião, a deixar-se orientar pelo exemplo da irmã Clara.

Assim, você poderá compreender melhor a pobreza como desapego que a tornará livre, porque não a desligará somente das coisas, mas também de você mesma. Deste modo, você adquirirá a capacidade de escolher o próximo e de ser solícita pelas vítimas da pobreza em todas as suas formas. E aprenderá também o sentido da justiça na gestão dos bens que devem ser colocados à disposição de todos os seres humanos. Sentirá a necessidade de viver na coerência que você mesma prometeu, aprendendo a assumir um estilo de vida simples no comportamento, nas atividades e no estilo de vida. Compreenderá que a obediência consiste, em primeiro

lugar, no esforço constante em vista de ouvir e de seguir a vontade de Deus, expressa através dos outros, dos acontecimentos da vida e da criação em geral. Aprenderá também que a dimensão fraterna da obediência, a mais difícil de todas, não é uma submissão típica da criança ou do escravo, mas uma atitude de responsabilidade no ambiente de trabalho e a capacidade de «fazer verificações» no interior do seu Instituto. Finalmente, você descobrirá que a castidade é, acima de tudo, a liberdade de amar todos, com o coração indiviso, e não compartilhado somente com uma pessoa. Deus não ama os corações divididos. Assim, você compreenderá que sua castidade consagrada é a resposta ao amor singular e universal de Deus, com um coração «total» e íntegro. Sentirá a necessidade de que seu coração se torne fecundo, não com os frutos do corpo, que são os filhos, mas sim através das suas palavras, dos seus pensamentos, das suas ações, de todo seu ser, do seu tempo, da sua existência...

Irmã, Deus permaneça no seu coração, na sua mente e em todo seu ser, durante este dia inteiro.

É o que lhe deseja seu irmão,

Francisco

ARMIDA

As nossas origens em S. Damião

Minhas irmãs,
se comparei a Porciúncula a uma pérola preciosa, São Damião é para todas nós como um diamante: a pedra mais preciosa!

Éramos apenas doze, algumas espalhados por toda a Itália.

O dia 19 de novembro de 1919 foi o início de uma aventura extraordinária, que agora continua, graças a cada uma de vocês!

Obrigada, minhas irmãs. É maravilhoso ver vocês aqui para repetir o vosso sim.

Muitas vezes pensei que talvez não tenha sido por acaso que o nosso Instituto tenha começado justamente aqui. Esta é de fato a igreja que Francisco reparou com as próprias mãos no início da sua vocação e aqui recebeu a vocação de “reparar a Igreja” (da voz do Crucifixo). Uma mensagem que ainda ressoa nestas paredes também para nós, chamadas a viver na Igreja como leigas corresponsáveis e proféticas.

No meu tempo, as mulheres não tinham voz na Igreja, agora a situação está mudando lentamente, mas o caminho ainda me parece longo.

Este é o lugar onde Clara viveu a sua vida, fiel ao ideal que abraçou quando decidiu seguir Francisco. Sua fidelidade é um sinal para nós. Mas Clara lembra-nos que fidelidade não significa estática. Clara permaneceu fiel até à sua morte, mas interpretou a mensagem de Francisco para ela e para as suas irmãs; ela aplicou isso em suas vidas como mulheres; viveram no acolhimento de quem lhes dirigia a palavra.

Esta pequena e simples igreja lembra que a pequenez não deve te assustar. O que importa é tornar-se significativo, como este lugar se tornou, porque é capaz de preservar e testemunhar a mensagem do Evangelho.

Não tenhas medo esta noite, irmã, se és pequena e pobre. Tu também, querida irmã, aqui mesmo nesta noite rodeada pela *irmã lua e pelas estrelas*³, rodeada de muitas irmãs, carregando no coração a tua terra e o teu povo, *tu estás prestes a subir ao altar, para fazer a tua oferenda.*

O Amor maior canta em teu coração... Pára mais um momento, reflete novamente sobre a grandiosidade do ato que estás prestes a realizar; vais colocar no altar não algo teu, mas todo o teu ser. Pense nisso, não para recuar com medo, mas para ir em direção a Ele com plena consciência, com confiança ilimitada, com amor ardente.

Ele te chamou: não podes duvidar disso e hoje respondes ao convite. Então não tenhas medo. Ele será a tua força, à medida que te entregares completamente a Ele...

Que Sua Graça desça sobre ti para renovar-te como num segundo batismo; és uma Missionária da Realeza de Cristo! Ele é o Rei, tu és a esposa que, pela extensão do seu Reino, reza, ama, trabalha, luta, sofre.

Experimenta intimamente a altura e a grandiosidade, o valor desta tua missão...

Na castidade, na pobreza, na obediência serás apóstola no mundo; na humildade, na simplicidade, na caridade levarás aos teus irmãos Jesus, que reina como Soberano indiscutível.

Beija teu crucifixo. Somente na Cruz, unida a Jesus, poderás dar frutos duradouros em tua vida.

Agarrada a Ele, toda propensa no desejo ardente de amá-lo e fazê-lo amado, retoma a tua vida com coragem.

Vai Missionária da Realeza de Cristo...⁴

Ide pois, irmãzinhas, com coragem e amor. Tenho plena confiança em vocês!

Tua irmã Armida

³ S. Francesco, *Cantico delle creature*.

⁴ Da una lettera inedita e senza data di Armida Barelli

La Verna

Bom dia, irmã! Quem lhe fala é frei Francisco.

Sei que você percorreu um longo caminho para poder chegar ao monte La Verna.

Seja bem-vinda a esta montanha sagrada, ápice do meu sofrimento e da minha alegria!

Hoje, desejo falar-lhe daquilo que me aconteceu neste lugar maravilhoso, mas para ser sincero não sei como fazer.

Com efeito, foi uma coisa tão extraordinária e particular, tão maravilhosa e sublime, que ainda me sinto confuso, atônito e sobretudo envergonhado.

Sim, é verdade!

É que não podemos ter outro sentimento, quando experimentamos no nosso próprio corpo a maravilha do amor de Deus, a gratuidade e a magnificência do seu amor, a partir da nossa insignificância.

Porque – digo isto de uma vez por todas – tudo aquilo que aconteceu aqui não foi senão o fruto do seu amor.

Portanto, não consigo explicá-lo muito bem, mas na minha opinião o que aconteceu não foi fortuito, de modo imprevisto ou por acaso. Tenho a impressão que isto passou antes por uma longa gestação.

Para que vocês possam compreender melhor, parece-me que tudo teve início em São Damião, na manhã daquele dia, na manhã mais linda da minha vida, quando contemplei o Crucificado. A propósito, digo-lhe que agora a irmã Clara está prostrada precisamente diante dele, rezando por você, como me prometeu!

Sim, recordo que a partir daquele momento o Senhor Crucificado entrou profundamente em mim e invadiu todo o meu ser, oferecendo uma nova perspectiva à minha existência inteira.

Eu sentia cada vez mais forte que a dor e a paixão do homem eram a dor e a paixão do próprio Cristo.

Este sentimento chegou a ter em mim uma força tão grande que, muitas vezes, me impelia vigorosamente rumo aos bosques solitários, para ali buscar alívio no pranto.

Foi esta mesma força que me atraiu até este monte alto, por mim frequentado já antes algumas vezes, desde quando ele me tinha sido oferecido pelo conde Orlando.

Não esqueço que, quando subi aqui nos meados de agosto daquele ano, minha alma ficou repleta de sofrimentos, estimulados ainda mais pela incompreensão dos meus irmãos e pela consciência da minha incapacidade de os servir, a tal ponto que não conseguia mais controlar-me e por isso decidi retirar-me na tranquilidade deste alto rochedo, em companhia de alguns dos meus companheiros, para passar a quaresma de São Miguel em oração e silêncio.

Foram quarenta dias de serenidade e de alívio, mas também de uma dor intensa, de sofrimentos indizíveis, de angústias inauditas, de dificuldades infinitas... até que um dia eu não aguentava mais; então, deitei-me sobre uma rocha, como um ébrio de amor e de paixão... não mais consciente de mim mesmo.

Na manhã do dia seguinte, acordei com o clarão da aurora e observei que das minhas mãos... dos meus pés... e do meu lado... corria um sangue morno.

Já lhe disse que a confusão foi grande, e a vergonha ainda maior.

Pensei nos meus irmãos... também no povo... e compreendi que não seria possível esconder este segredo.

Então, senti-me como o menor de todos, o mais vil, o mais pecador de todos os mortais e, por isso, decidi lançar-me no abismo da bondade de Deus e abandonar-me, como uma criança, no seio da sua misericórdia.

A partir desse momento, digo-lhe com certeza, só Deus me é suficiente!

Irmã, como Deus é maravilhoso!

Ele é santo, é singular, é Aquele que realiza grandes obras. Ele é forte, é grande, é altíssimo, é o rei onipotente, o Pai, o rei do céu e da terra. Ele é trino e uno, Senhor, Deus de Deus, é o bem, todo o bem, o sumo bem, o Deus vivo e verdadeiro.

Ele é amor, caridade, sabedoria, humildade... é paciência, beleza e mansidão. É segurança,

tranquilidade, esperança, júbilo, justiça e temperança. É nossa riqueza e saciedade.

Irmã, Ele é a esperança, nossa fé e nossa caridade. Ele é nossa vida eterna, nosso grande e admirável Senhor, nosso Salvador misericordioso.

Perdoe-me, irmã, se lhe falo deste modo, se lhe repito coisas que já escrevi a frei Leão, mas quando se trata de Deus, não posso conter meu entusiasmo. É como se de mim começasse a jorrar uma água gorgolejante, límpida e fresca... uma água que não se esgota.

Irmã, de tudo aquilo que acabei de dizer, compreenderá por que motivo você se encontra neste monte santo.

Se ontem eu a convidei a descobrir Cristo na cidade dos homens, hoje convido-a a percorrer esta imensa área verdejante, impelida pelo amor imenso e misericordioso de Deus.

Estou persuadido de que, se você se colocar nesta perspectiva, poderá descobri-lo e contemplá-lo nas árvores centenárias, nas folhagens frondosas, nas marcas e nos nós dos troncos fendidos pelo tempo. Você poderá ouvi-lo no gorjeio dos passarinhos, nos tapetes de musgo úmido e até no humilde verme que cruza seu caminho, na gruta de rocha onde se esconde o universo circunstante, no orvalho místico e na nascente silenciosa, no raio de sol que atravessa as folhagens e na flor dançarina, a que nós chamamos de borboleta...

Irmã, você que vem do mundo do trabalho, você que faz parte das agitadas cidades dos homens, cada vez mais ensurdecida pelos ruídos roucos dos motores, perseguida pelas suas luzes multicoloridas, inebriada pelo vaivém incessante das pessoas ou também ameaçada por bombas explosivas... você, mais do que outras mulheres, e hoje mais do que antes, tem necessidade de momentos fortes de contemplação ativa, a fim de que, voltando para sua atividade, possa ser contemplativa. Caso contrário, você terminará por ser uma máquina, um robô sem alma... e não vale a pena viver assim.

Minha irmã, abandone-se em Deus.

Quem lhe pede é seu irmão,

Francisco

Entre árvores seculares

Irmãzinhas queridas,

estou feliz que hoje subis o Monte La Verna.

Das encostas suaves do Subasio, onde nasceu Francisco e onde, para ele e para nós, tudo começou, subis a montanha acidentada, rochosa e impermeável de La Verna, onde Francisco recebeu, em sua carne, o sinal das feridas do Crucifixo, onde seu corpo foi feito semelhante ao corpo do Amado!

Aqui queríamos construir, não sem problemas, o nosso segundo Oásis, depois do de Assis!

Fizemos isso durante a guerra e ainda me lembro que era impossível encontrar móveis, principalmente lâ para colchões.

*“E a lâ vinha de muitas irmãs: pacotes e encomendas postais, pacotes ferroviários. Enchemos um grande salão. Lavamos, limpamos, colocamos em fronhas novas e conseguimos fazer 81 colchões, e outro tanto de travesseiros e colchas.”*⁵

Mas queríamos de todo o coração oferecer-vos toda a experiência deste lugar, onde a beleza se torna sublime e o coração se perde na imensidão do Amor.

Sim, este lugar é verdadeiramente precioso, pois *La Verna marca o cume terreno daquele caminho de amor que São Francisco intuiu em Assis, numa noite estrelada da sua juventude: um caminho de sacrifícios e de ebbriez, de pobreza, de humilhações, de alegria e felicidade.*⁶

É aqui que Francisco abraça definitivamente Cristo pobre e crucificado, mas o pode fazer porque:

- o abraçou no leproso
- ele o ouviu em S. Damião
- ele o conheceu entre os pobres
- ele o reconheceu nas humilhações de sua vida
- o seguiu nas dificuldades e dores que seus irmãos lhe causaram...

É este Cristo pobre e crucificado o nosso Rei de amor, cujo nome levamos.

Vi com alegria o caminho que o Instituto percorreu, com toda a Igreja, para compreender o que significa a Realeza. Pensei que fosse o caminho de Francisco, dentro da Igreja do seu tempo, rica e poderosa.

É o Rei que estais escutando e reconhecendo nos homens e mulheres crucificados, ofendidos, humilhados... dos vossos Países.

É o Rei que se torna servo e nos ensina a verdadeira minoridade: “o maior entre vós deve ser servo de todos” (cf. Mc 9,35).

Ele é o Rei pacífico e humilde que dá a vida para nos mostrar, como Francisco, o caminho para a paz. Este, irmãzinhas, *é o nosso Rei do amor que vos investe do seu amor... para amá-lo, vê-lo amado, fazê-lo ser amado*⁷ em todos os lugares e sempre!

E Francisco, nosso grande irmão, repete a cada uma de vocês a bênção que deu ao Irmão Leão:

«Que o Senhor te abençoe e te guarde, te mostre o seu rosto e tenha misericórdia de ti.

Que ele volte seu olhar para ti e te dê paz.

O Senhor te abençoe.”

Tua irmã Armida

⁵ A. BARELLI, *La nostra storia*, p. 175.

⁶ A. GEMELLI, *Il francescanesimo*, Vita e Pensiero, Milano 1965, 22.

De Assis ao mundo inteiro

Bom dia, irmã! Quem lhe fala é frei Francisco.

Hoje, a irmã Clara transmite-lhe uma saudação especial. Na manhã de hoje, com as primeiras luzes da aurora, fui até São Damião, pois queria entoar as laudes com as irmãs. Em seguida, falei um pouco com Clara. Para dizer a verdade, ela estava um pouco nervosa e agitada; e já sabia que você iria visitá-la. De qualquer maneira, sentia-se feliz.

Seus olhos brilhavam com uma luz especial; e ela estava repleta de ternura e de esperança.

Durante a noite, disseram-me que viram você em Assis. Observaram-na quando ultrapassava a Porta Nova e quando chegou à praça municipal; disseram-me que, por vezes, você parecia absorvida e, em certos momentos, distraída.

Mas alguém que estava escondido na catedral de São Rufino, e que a observava por detrás de uma coluna, disse-me que em uma certa altura parecia que dos seus olhos brotaram lágrimas que, à luz da chama da pequena vela que estava na sua mão, brilhavam como dois diamantes.

Obrigado por ter entrado naquela que, no início, foi minha casa paterna. Essas paredes foram testemunhas de um grande amor, de muita dor, de numerosas lutas e de uma forte esperança.

Hoje, você vai deixar a cidade de Assis com suas torres altas, seus edifícios de pedra, seus templos elegantes e suas portas seculares. É a cidade dos grandes e dos poderosos.

Você descera uma ladeira suave, através do qual o monte Subásio é abraçado pela planície.

Depois, percorrerá uma vereda discreta e silenciosa, ladeada por ciprestes. Como gosto destas árvores! Elas conservam-se sempre verdes e, sobretudo, mantêm-se sempre direitas, como pontas elevadas e orientadas para o céu, em gesto de oração insistente.

De repente, diante dos seus olhos, aparecerão o teto irregular, a pracinha de São Damião e... lá no fundo, o vale, a terra dos «menores», dos deserdados, daquelas pessoas que «nada» representam... dos meus irmãos leprosos.

Quero confessar-lhe que sempre gostei de São Damião. Nos meus momentos de descanso e, sobretudo, quando passei por aquela terrível confusão interior, que me atormentou durante vários meses, eu costumava ir ali para buscar alívio. E em tais momentos eu cantava, rezava ou unia-me aos leprosos; e daquilo que me recordo, havia pelo menos três leprosários no vale que se estende diante de Assis.

Você não pode imaginar a grande paz que eu conseguia experimentar em companhia deles; primeiro, eles causavam-me repugnância, mas em seguida, para mim, a amargura transformava-se em docilidade.

Certo dia, entrei na igrejinha de São Damião; ela estava vazia, suja e abandonada. Entrei até o fundo e pus-me diante do Crucifixo que estava pendurado na parede.

Como esse momento foi maravilhoso!

Nunca mais poderei esquecê-lo!

Jamais poderei expressar com palavras aquilo que senti na manhã desse dia, que foi a mais linda de toda minha vida...

Porém, posso dizer-lhe uma coisa com certeza: a partir daquele momento, para mim o rosto de Cristo foi iluminado por uma nova luz.

Observei que no seu corpo, coberto de feridas e molhado de sangue, se concentrava todo o sofrimento do mundo; compreendi que nos seus olhos, imensamente arregalados, que fixavam com serenidade o infinito, se escondia um horizonte novo, que se perdia na eternidade.

A dor de hoje e a esperança do futuro: este foi o profundo ensinamento que recebi do encontro com meu Senhor crucificado. Por isso, a partir daquele momento, comecei a sentir que algo começava a mudar na minha vida; passei a dar um novo significado à minha existência.

Compreendi também que não podia continuar a alimentar as vaidades insensatas deste mundo, nem continuar a comprometer-me no jogo irracional da guerra.

Recordo que depois desse diálogo com Ele, com meu Senhor, uma força misteriosa afastou-me para longe da igreja. Meus pés tornaram-se ágeis, meu coração palpitava e meus olhos desejavam abarçar o universo inteiro.

Foi então que voltei a contemplar o vale e, observando à distância os casebres dos leprosos, compreendi que era entre eles que nesse dia corria o sangue do Crucificado.

A partir daquele momento, concentrou-se no meu coração uma ansiedade desatinada, um desejo irrefreável de tomar sobre mim mesmo todas as dores do mundo e... sem me dar conta, senti que dos meus olhos começaram a verter lágrimas.

Comecei a chorar pela dor de Cristo e pelo sofrimento do mundo, chorei porque o Amor não era amado.

Oh! Perdoe-me, irmã, por ter-lhe dito todas estas coisas, que são tão íntimas. Mas foi com espontaneidade que as quis comunicar a você.

É que lhe quero muito bem e desejei compartilhá-las com você.

Vejo que me prolonguei, falando-lhe sobre meu primeiro encontro com Ele, com meu Senhor, mas não pense que este foi o único acontecimento que se verificou em São Damião. Ali aconteceram tantas coisas que, para narrar tudo, seriam necessárias muitas horas. Pode ser que tenhamos uma outra ocasião para fazê-lo...

Por enquanto, e para terminar, desejo pedir-lhe que, quando entrar na igreja, permaneça ali um pouco para rezar e contemplar o Crucificado e, em seguida, quando de lá sair, observe o vale da Umbria com um olhar renovado.

Certamente hoje você não verá mais tais casebres, nem os hospitais dos leprosos, mas poderá observá-los igualmente em todas as partes, sob outras formas.

Você vai descobri-los naqueles que vivem em condições «desumanas», sem poderem satisfazer as necessidades mais essenciais da vida.

Poderá vê-los naqueles que sofrem por causa da injustiça social e nas pessoas que não conseguem encontrar um trabalho.

Depois, conseguirá encontrá-los nos imigrados do mundo inteiro, discriminados por causa da sua língua, da sua cultura e da cor da sua pele.

Você vai identificá-los no rosto desanimado das crianças que não conheceram as carícias de um verdadeiro pai e que cresceram desprovidas de um porvir.

Vai descobri-los naqueles que afogam suas tragédias pessoais no álcool e na droga.

Poderá observá-los nas mulheres exploradas, porque elas mesmas assim o desejam ou porque não encontram outra possibilidade para viver.

Vai notá-los também nas pessoas que representam um problema, porque pensam e se comportam de um modo diferente do seu.

Finalmente, vai vê-los em muitos e muitas... que extraviaram o sentido da vida e parecem condenados a nunca mais encontrá-lo de novo.

Irmã, desejo-lhe um dia feliz...

Ah! ... não se esqueça de cumprimentar a irmã Clara em meu nome.

Seu irmão,

Francisco

Ide com segurança

Irmãs queridas,
 eu poderia passar horas ouvindo Francesco e a fascinante história de sua vida.
 Sinto que ele é verdadeiramente uma imagem viva e um testemunho concreto do Evangelho, porque isto é tudo o que ele queria: viver o Evangelho!
 E é isso que queremos também nós, não é? Reiteramos isso ontem à noite:
 Viver como Jesus, ser suas discípulas. Acima de tudo, amar como Ele amou.
 É um caminho fascinante que nos pede coragem para ouvir, rezar e contemplar.
 Coloquemo-nos sempre diante do Senhor, junto ao Crucifixo de São Damião. Hoje pedi que te fosse entregue um exemplar do Crucifixo de São Francisco para que o leveis para tua casa e possas olhar para Ele todos os dias.
 Sempre me impressionou, na cruz de São Damião, os olhos abertos de Jesus: olhos bem abertos para o mundo, olhos de vivente e não de moribundo.
 Mas se olhares com atenção, outras pessoas estão pintadas na mesma cruz. Jesus não está sozinho neste momento que lembra tanto a sua morte como a sua ressurreição.
 Ao compreender gradualmente a minha vocação, entendi que se poderia ser totalmente dele e ao mesmo tempo viver plenamente no mundo como leigas.
 E entendi que as pessoas pintadas na cruz de São Damião me mostraram exatamente isso.
 Jesus torna-se homem, parte da nossa própria humanidade; Maria dá-lhe um corpo de carne como o nosso e, como nós, ele experimenta a dor e a morte. Contudo, recorda-nos que este seu corpo está destinado, como o nosso, à vida eterna e que a última palavra de Deus não é a morte. Nesta cruz estão então pintados mulheres e homens, judeus e pagãos, santos e pecadores... simbolicamente toda a humanidade à qual se dirige a boa nova de Jesus.
 Pois bem, minhas irmãzinhas, como nos lembrou nosso querido Padre Gemelli:
*“O franciscano não despreza o mundo... não foge da sociedade com medo ou nojo... A renúncia de São Francisco é diferente: ele não nega a beleza da vida, porque seria negar o seu Amor; não nega o amor; nega a posse e o desejo de posse. Permanecer no mundo, mas não levar dele uma migalha; admire e ame o quanto quiser, mas vendo em tudo a obra do criador”*⁸
 É esta liberdade pobre o coração da nossa vocação laical. Consagradas sim, todas do Senhor, mas no mundo: *“santas leigas” como as virgens e os mártires cristãos dos primeiros séculos... leigas mas santas*⁹, como as mulheres da cruz de São Damião.
 Senti meu coração tremer de alegria!
 Amai a vossa vida, minhas irmãs, amai o mundo com suas luzes e suas sombras e saibais que Deus é fiel.
 Ele nunca falhará!
 Quanto trabalho, quantos obstáculos, quanto esforço em minha vida, mas o Sagrado Coração abençoou tudo e sempre tornou frutíferas as minhas e as nossas ações.
 E ele fará o mesmo com cada uma de vocês.
 Nunca deixemos de nos surpreender com o milagre do mundo! Basta pensar que Deus chama tudo pelo nome (Sl 147.4).
 Foi precisamente sob o olhar deste Crucifixo que nasceu o nosso Instituto, em 1919.
 Era um dia de novembro, quando na Itália o céu estava cinza e a chuva caía lentamente, mas o sol brilhava em nossos corações.
 Sim, aqui nasceu a nossa família espiritual! Sob o olhar do Rei crucificado, nu e pobre, que continua a falar aos nossos corações! *Caro S. Damiano! Nós o amamos porque Santa Clara e as suas irmãs viveram aqui durante muito tempo, guardiãs da mais genuína tradição franciscana! O amamos*

⁸ A. GEMELLI, *Il francescanesimo*, Vita e Pensiero, Milano 1965, 22-23.

⁹ A. GEMELLI, *Il francescanesimo*, Vita e Pensiero, Milano 1965, 22-23.

*porque grande parte da vida do nosso Instituto ocorreu dentro dessas paredes sagradas e ásperas. Cultivai também vós, em vosso coração, essas memórias; elas também são um presente de Deus.*¹⁰

Como vês, São Damião não está dentro dos muros de Assis.

Situa-se a meio caminho entre a planície e a colina: fica entre a cidade dos ricos com as suas muralhas protetoras e a planície, sem muralhas e sem defesas, onde viviam os pobres.

Não creio que seja por acaso que nosso Instituto tenha nascido justamente aqui.

Recorda-nos que os pobres são os nossos mestres, são aqueles com quem o Senhor se identifica.

Contemprar o Crucifixo, um homem nu e ensanguentado, injustamente condenado e humilhado, impele-nos sempre a reconhecê-lo nos pequenos, nos sofredores, nos oprimidos.

Lembra-nos que o único caminho possível é sermos artesãos da paz, desarmados de braços abertos como o Cristo de S. Damião.

Nisto está a perfeita alegria. Boa caminhada minha irmã. Estarei sempre perto de ti!

Saúdo-te com as palavras de Clara:

*«Vai segura e em paz, minha alma abençoada
porque... Aquele que te procurou, também te santificou
e depois de ter te criado colocou
em ti o Espírito Santo e sempre te cuidou
como minha mãe e seu filho pequenino que eu amo.
E Tu, Senhor, sejas abençoado por me teres criado.»*

tua irmã Armida

¹⁰ A. BARELLI, *La nostra storia*, 187